



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 2 | ABR-JUN 2020

VLADIMIRO CAPOSSO E A SUBVERSÃO DO HOMEM NOVO ANGOLANO EM “PREDADORES”, DE PEPETELA



VLADIMIRO CAPOSSO AND THE SUBVERSION OF THE NEW ANGOLAN MAN IN “PREDADORES”, BY PEPETELA

MARIANA SOUZA DIAS
COLÉGIO PEDRO II, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 24/02/2020 • APROVADO EM 25/03/2020

Abstract

This article analyzes the novel *Predadores*, by Pepetela, published in 2005. Specifically, we intend to study the transition from the Angolan “new man”, projected based on Marxist ideals, to the Angolan “new man”, forged by the capitalist demands that drive the dynamics of globalization. As a theoretical contribution to our work, we highlight the contributions of names such as Frantz Fanon (1979), Ana Maria Duarte Frade (2007) and Inocência Mata (2010) both for addressing the directions that the MPLA took after independence, as well as the criticisms that the author fails the initial utopian project.

Resumo

O presente artigo analisa o romance *Predadores*, de Pepetela, publicado em 2005. Especificamente, pretendemos estudar a passagem do “homem novo” angolano, projetado com base nos ideais marxistas, para o “novo homem” angolano, forjado pelas demandas capitalistas que orientam as dinâmicas da globalização. Como aporte teórico de nosso trabalho, destacamos as contribuições de nomes como Frantz Fanon (1979), Ana Maria Duarte Frade (2007) e Inocência Mata (2010) tanto para a abordagem dos rumos que o MPLA assumiu após a independência, como das críticas que o autor tece à falência do projeto utópico inicial.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Pepetela. Angola. Predadores. MPLA.

PALAVRAS CHAVE: Pepetela. Angola. Predadores. MPLA.

Texto integral

Introdução

Os processos de globalização do século XX tiveram forte impacto sobre as nações egressas do colonialismo europeu, colocando-as diante de fronteiras transnacionais, fluidas e essencialmente híbridas. Nesse sentido, são inúmeros os debates voltados às formulações identitárias angolanas após a conquista da independência, visto que envolvem uma série de práticas, discursos e estratificações neocoloniais:

A independência esgotou o anterior filão e, em consequência, arrastou outras temáticas mais ajustadas às novas realidades. Os temas em voga são agora outros. O combate é muito diferente. A ameaça já não está no colonizador, na falta de afirmação de uma identidade nacional, mas na necessidade de criar uma nova utopia. Uma sociedade mais justa, baseada na igualdade de oportunidades e de direitos. A denúncia da corrupção tornou-se uma necessidade imperiosa e foi ganhando expressão crescente. (FRADE, 2007, p. 15)

A partir de tais considerações, é fundamental analisarmos a representação do fluxo utopia-distopia na escrita de Pepetela. Tal movimento traduz, em boa medida, o fato de que se por um lado as lutas alimentaram e foram alimentadas pelo ideário utópico da geração de 1960, o mesmo contexto traria consigo as bases da distopia. Nas obras do autor, as referências à subversão dos ideais socialistas por boa parte dos governos africanos são essenciais para uma leitura eficiente da situação pós-revolucionária angolana, visto que os abusos de poder, o descompasso entre ideologia e atuação política e, ainda, os desgastes decorrentes da longa guerra civil foram as principais condicionantes para a composição de personagens alienadas, desnorteadas e incapazes de uma atitude interventiva.

Organizado em vinte capítulos, **Predadores** apresenta-nos à luta pelo poder na Angola livre a partir da trajetória do rico empresário Vladimiro Caposso, de novembro de 1974 até dezembro de 2004. É fundamental ressaltarmos que o romance se inicia em 1992, mesmo ano em que a narrativa de **A geração da utopia** tem seu desfecho: a incerteza das possibilidades apresentadas por **Predadores** acaba por descortinar, assim, um olhar desencantado quanto aos rumos do país.

Angola nos é apresentada por meio de polos opostos: de um lado, temos uma crítica à nova elite que adquire o poder com o fim do colonialismo, especificamente delineada pela trajetória de Vladimiro Caposso, personagem que chega a Luanda às vésperas da independência e vê na ascensão do MPLA uma maneira de enriquecer, utilizando-se dos meios mais obscuros para sustentar regalias. De outro lado, a esperança quanto ao comprometimento ético ganha destaque a partir de duas figuras: Nacib, jovem morador do musseque do Catambor, dedicado aos estudos e à sua comunidade, e Sebastião Lopes, advogado, ex-membro do MPLA e fiel aos seus preceitos ideológicos. Ambos concebem, de diferentes maneiras, os segmentos excluídos da sociedade angolana e representam uma reinscrição de valores utópicos no pós-independência.

Vladimiro Caposso - o representante dos predadores da utopia

No que diz respeito às configurações da sociedade angolana após a independência, o título da obra ganha especial sentido, visto que a predação abordada não enfoca as selvas africanas, como reforçam as cristalizadas visões sobre o continente, mas sim as relações interpessoais: em **Predadores**, conforme indica a clássica frase de Plauto, “o homem é o lobo do homem”; a desumanização marca o abandono dos pressupostos éticos e as relações de dominação do povo angolano são propiciadas por toda sorte de subterfúgios e ações ilícitas.

Ao caracterizar as feições capitalistas em Angola, o narrador do romance afirma que:

Com esse regime não havia perigo de obesidade, mal da civilização atual, dirão alguns mais cínicos, preocupados que sigamos os padrões de alimentação e vício impostos pela cultura dos norte-americanos. (...) Estamos mesmo mal, se já o arroz ou a batata importada ficam mais barato que a nossa farinha de mandioca, principal comida dos antepassados. Se houver ocasião, talvez mais tarde se trate dessas árduas e estéreis questões econômicas, com fortes conotações políticas. (PEPETELA, 2008, p. 42-4)

O trecho evidencia-nos (não somente por apresentar de forma sarcástica a fome, mas também o encarecimento dos alimentos nacionais) uma denúncia da naturalização de tais problemas como consequências irreversíveis da ascensão capitalista. O narrador nos insere, assim, numa cruel dinâmica, ironicamente delineada ao longo de todo o romance por meio da representação da cadeia predatória, que tem como seu representante máximo Caposso, criatura desprovida

de senso ético, empatia ou mesmo afeto, visto que demonstra algum carinho apenas pela filha Mireille, enquanto a jovem demonstrava aptidão para seguir os seus passos na carreira empresarial.

A construção de Vladimiro Caposso é marcada, desde o início do enredo, pela sua falta de escrúpulos. Somos apresentados, assim, a um misterioso homem que, no cenário turbulento de uma Angola agitada pela disputa política, assassina a amante que o estava traindo:

Faltava uma semana para as eleições (...). Caposso apontou com frieza do lado de fora do quarto, retendo a respiração, como aprendera da arte de bem disparar. Esvaziou o carregador da pistola. Os tiros foram bastante abafados pelo barulho atroador da carreata. Entrou no quarto, empurrou com o cano da pistola o corpo do homem morto. Verificou que ela também estava morta, três buracos perto do coração (...). Não era por eles que fazia essa matança, era por si próprio. Saiu do quarto, guardou a arma, foi à mesa da sala onde sabia haver sempre marcadores e canetas. Com uma caneta de feltro vermelha, escreveu numa folha de papel em maiúsculas e com a mão esquerda "Ninguém trai a UNITA sem deixar a vida" (PEPETELA, 2008, p.15-17).

Ao optar por iniciar o livro a partir desse episódio, o autor propõe que logo nos deparemos com Caposso no auge do seu poder predatório, numa explanação de seu caráter oportunista e cruel diante do cenário marcado pela guerra civil. O personagem, conforme nos indica o trecho, aproveita-se deliberadamente de um grave momento de tensão política para realizar seus caprichos. O "homem de impecável fato azul" (PEPETELA, 2008, p. 15), conforme se revela em seguida, é um importante empresário angolano que, em variadas ocasiões, age como um inimigo da pátria, utilizando-se da posição privilegiada para agir inescrupulosa e impunemente.

Vladimiro Caposso nasceu em 1954 no Calulo, onde cursou o primário. Seu pai, José, atuava como enfermeiro de forma irregular, trabalhando sem diploma e por conta própria nas diferentes localidades que percorreu, do Cuanza-Sul a Novo Redondo, capital do distrito. Quando tinha oito anos de idade, o pai deixou sua mãe, segundo ele "uma feiticeira desavergonhada" (PEPETELA, 2008, p. 71), levando-o consigo, numa espécie de fuga para não ter de pagar reparações e desagravos à família da mulher abandonada.

Tal ponto é fundamental para compreendermos sua evolução como predador; a falta de respeito à tradição local, por parte do pai, indica-nos que o afastamento em relação à mãe e à cidade de origem inicia um rompimento com a própria angolanidade, uma vez que em sua formação são desconsiderados os valores socioculturais que deveriam orientar seu desenvolvimento.

O apagamento das raízes é o fator primordial de sua descaracterização e abaliza a posterior assimilação de padrões sujeitos às demandas globais. Destacam-se, a

partir da valorização dos padrões citadinos em detrimento à origem interiorana, os problemas relativos ao processo de descolonização cultural:

Lhe tinham chamado mesmo matuense matumbo, o que no fundo era uma redundância (...) Ainda devia conservar alguma maneira de ser ou de se expressar indicando a origem rural, vergonha das vergonhas, ainda por cima de Calulo, o verdadeiro mato. Se perguntado, temperava, sou de Novo Redondo, pequena cidade mas capital distrital e junto do mar. Acima de tudo, não era mato de jeito nenhum. (PEPETELA, 2008, p.48)

O completo desinteresse do protagonista pela política também marca o seu afastamento em relação a um pertencimento nacional, além de evidenciar que o poder veio a ser concentrado por figuras com motivações totalmente alheias à esfera coletiva, desde o momento inicial de libertação até a contemporaneidade.

Aos dezesseis anos, Caposso desistiu de estudar e, contrariando o pai, que desejava vê-lo enfermeiro, queria ser jogador de futebol:

O pai nem queria ouvir falar de alguns raros nomes de africanos que tinham conseguido singrar no futebol europeu. Ele era enfermeiro, de fato não era totalmente, apenas ajudante, embora soubesse muito mais que alguns enfermeiros brancos (...). Nunca seguiu o caminho de outros enfermeiros angolanos, muitos dos quais se tinham metido em organizações políticas, conspirando pela independência. Caposso-pai nunca quis saber de política. Se te metes em política acabas na cadeia. Por isso Caposso-filho não entendia nada de política, fugia dela até, queria apenas ser futebolista, obedecendo ao pai de um lado, contrariando pelo outro. (PEPETELA, 2008, p.70).

Quando seu pai faleceu, vítima de um colapso, em Porto Amboim, o protagonista tinha dezoito anos. Sem objetivos de vida definidos, chegou a Luanda aos vinte anos de idade. Lá, reencontrou por acaso Sebastião Lopes, conhecido de Novo Redondo que desejava lutar pela independência do país.

Sebastião Lopes é descrito pelo narrador como um jovem puro que “desejava se inscrever nas FAPLA, fazer treino militar, lutar pelo país” (PEPETELA, 2008, p.98) Envergonhava-se do pai, pago pelos portugueses para delatar os intentos revolucionários, um “reacionário que defendia os colonos, eles é que trouxeram a luz elétrica, são boa gente que nos quer civilizar” (idem, p.112).

O jovem levou-o à presença de Seu Amílcar, português proprietário de uma modesta loja que necessitava de um empregado. Como vendedor, aprendeu a desenvolver suas habilidades de persuasão, muito valiosas futuramente:

Tinha facilidade de expressão, o que descobrira com Sô Amílcar, tens boa lábia, lhe dizia ele (...). Talvez era a voz convincente que fazia, parecia sempre estar a dizer a verdade mais profunda do universo, tal a convicção ele punha nas palavras, olhando descaradamente nos olhos opostos. Qualidade que iria mais tarde aperfeiçoar, treinando à frente do espelho. A grande cidade era uma verdadeira escola, a cada dia descobria muita coisa nova. (PEPETELA, 2008, p. 80-81)

Uma semana antes da independência, Seu Amílcar comunicou a Caposso que retornaria a Portugal, temeroso em relação às mudanças que provavelmente ocorreriam à “gente de boa-fé que queria fugir sem saber, uns porque temiam represálias em presença do Juízo Final, outros porque temiam represálias dos antigos colonizados, consciências pesando pelos crimes do passado” (PEPETELA, 2008, p. 84). Dessa forma, passaria a ser dono do comércio abandonado.

Inicialmente, Sebastião tenta convencer o amigo a entrar numa fábrica, para assim se tornar um proletário a serviço da revolução. Caposso recusa as investidas, pois julga ter arranjado com a loja um meio para adquirir bens materiais e capital financeiro. O kamba critica-o por estar prestes a entrar na pequena burguesia urbana, “a classe do compromisso, que pode lixar a revolução” (PePETela, 2008, p. 79). O desgaste entre Sebastião Lopes e Caposso é fundamental, visto que marca a oposição entre o idealismo do primeiro e a indiferença do segundo quanto aos rumos políticos do país:

Que Sebastião lhe desculpasse, operário não queria ser, mesmo por melhor salário, não gostava do cheiro de máquinas e de andar todo sujo e a fazer constantemente força. (...) Paciência, seria da pequena-burguesia, raio de nome tão feio. E ainda por cima pequena, antes fosse grande (PEPETELA, 2008, p. 118).

É importante notarmos que, durante o período em questão, assumir posicionamento político se fazia indispensável, visto que enquanto alguns angolanos eram pagos pelo governo português para sabotar os interesses do próprio país, outros morriam e matavam pela independência. A indiferença de Caposso vai de encontro às ações e ideais do MPLA, e tem como motivo principal uma acomodação dissimulada que passa a irritar Sebastião.

É assumido, a partir desse momento, seu “talento” oportunista; Caposso passa a simbolizar todos os que se aproveitaram do turbilhão inicial para ascenderem socialmente:

Caposso cometeu nessa noite da independência uma ação que nunca revelou a ninguém, nem ao amigo mais chegado, nem à futura mulher, muito menos aos filhos. Enquanto o povo todo de Luanda, bebês inclusive, se aglomerava na praça onde o presidente, à meia-noite, ia declarar a independência, ele se deixou ficar em

casa. (...) Mais tarde, aos amigos, contava como vira subir a bandeira rubro-negra, como a tribuna era pequena para todos os que queriam aparecer nas fotos junto do presidente (...) e como ele ficara mesmo perto do mastro onde subira a nossa bandeira. (PEPETELA, 2008, p. 91-92)

Mentiras dessa ordem passaram a fazer parte da vida de Caposso, enquanto ia desenrolando os fios de sua personalidade capitalista, até se tornar, em menos de duas décadas, um dos homens mais ricos de Angola.

Contrariando o que se esperava daqueles que se compraziam com a libertação, o jovem não fechou seu comércio na noite da independência, justificando a atitude oportunista como uma demonstração de altruísmo:

Enquanto no 11 de novembro toda a cidade estava parada, estabelecimentos e comércio fechados, comemorando o facto fundador do novo país, ele abriu a loja. E esta decisão foi questionável porque muitos consideraram falta de respeito aquele patricio não acatar o feriado, aquele feriado sagrado. Mas, por outro lado, as pessoas que assim puderam encontrar um sítio onde comprar a fuba e o peixe seco para celebrar os festejos, agradeceram o sacrifício patriótico de trabalhar enquanto os outros dançavam. Nesse dia ele abriu de facto só de manhã, fechou à tarde. Tinha vendido mais do que nunca, dava para completar a compra de chapas e rodear completamente o quintal, sua única preocupação no momento. Entretanto, de manhã, ouvindo os comentários dos fregueses, quase nenhum tendo dormido, percebia como a política lhe entrava pela porta, mesmo dela querendo sempre fugir. (PEPETELA, 2008, p. 56)

Apesar de pequeno, tal negócio foi um grande passo para o início do projeto capitalista por ele acalentado. De tal modo, em pleno fervor socialista, o jovem interiorano, com a 6^a classe concluída em estudos, passa a vislumbrar seu futuro, a começar pela defesa da propriedade do ex-patrão:

Podia portanto crescer, a parte vaga do terreno era quatro vezes a construída. Tinha de reforçar as marcas limitando a propriedade, pôr aduelas, ripas, chapas, o que fosse fechar aquilo, mostrar isto tem dono, ninguém trespassa. Um dia podia construir uma verdadeira mansão ali (PEPETELA, 2008, p. 127).

O desejo de cercar o espaço, já o denominando como uma propriedade, indica-nos a oposição do jovem à proposta revolucionária de reformas e de atendimento da população, da não concentração de bens. A permuta de Sô Amílcar por Vladimiro Caposso é, em boa medida, um reflexo do processo de formação da então embrionária burguesia nacional que,

na indisponibilidade dos meios materiais e dos meios intelectuais suficientes (engenheiros, técnicos), limitará suas pretensões à retomada dos escritórios e casas comerciais outrora ocupados pelos colonos. *A burguesia nacional toma o lugar da antiga população europeia: médicos, advogados, comerciantes, corretores, despachantes, agentes de mercadorias em trânsito. Julga ela que, para a dignidade do país, e sua própria salvaguarda, deve ocupar todos estes postos* (FANON, 1979, p. 126 - Grifos nossos)

Fanon indica-nos, portanto, que a colonização acarreta não apenas a subordinação material de um povo, como também fornece os meios pelos quais as pessoas são capazes de se expressarem e de se entenderem. Isso significa dizer que, para além de um legado de desigualdade e injustiça social oriundo do colonialismo e do imperialismo, há também um olhar epistemológico do eurocentrismo que dificulta a compreensão do mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemologias que lhe são próprias, uma “organização racional da desumanização” (FANON, 1970, p. 190).

Caposso conclui, corretamente, que para prosperar dali em diante precisava se inscrever e ter um cartão de membro do MPLA, tarefa à qual se dedica com afinco. Embora desprezando os ideais do amigo Sebastião, não hesita em pedir ao agora guerrilheiro, que vinha da frente de batalha, para ser indicado à desejada inscrição no Movimento, argumentando falaciosamente que “o amigo era testemunha, ele sempre tinha tido ideias nacionalistas, um verdadeiro militante, embora sem andar por aí a gritar aos quatro ventos” (PEPETELA, 2008, p. 131). Diante das evidências da inclinação do amigo para o lado oposto aos interesses coletivos, o revolucionário não apenas se recusa a ajudá-lo a se aproximar do Movimento, como põe fim à amizade até então estabelecida.

As ações de Caposso são exemplares da heterogeneidade de comportamentos em relação ao processo de independência e ao ideal nacionalista. O seu caso não constitui, como revela o enredo de **Predadores**, uma situação única ou inusitada, sendo resultado de uma personalidade alienada e inegavelmente narcisista. Essa obsessão de tomar para si o poder do ex-colono ultrapassa o sentimento de empoderamento experimentado pela população angolana com a libertação. Nesse sentido, Ruy Duarte de Carvalho indica-nos que:

Durante os primeiros anos que se seguiram à independência teve que haver, não podia deixar de haver, uma identificação emotiva entre as populações e o poder, ou os poderes, que passaram a ser o “nosso” poder, o nosso primeiro poder, aquele que tinha substituído o poder do “outro”, do colono. Vencido o poder do outro, cada um se sente vencedor, identificado com o poder de quem venceu (CARVALHO, 2008, p. 33).

A identificação com o poder do vencido, o do colonizador, não deveria significar a assimilação dos modos exploratórios e opressores a ele atrelados. Entretanto, tal apropriação é levada adiante e sarcasticamente representada em **Predadores**, visto

que o foco de Pepetela volta-se às crueldades da experiência política pós-colonial: no plano internacional, a precária inserção de Angola no contexto globalizado, dependente das obscuras conexões de sua elite; no cenário interno, o processo no qual o MPLA deixa de representar um grupo de guerrilheiros e torna-se partido centralizador e, mesmo, opressor.

Os predadores, representados principalmente por Vladimiro Caposso, correspondem às reflexões de Frantz Fanon quanto à criação da burguesia nacional em **Os Condenados da Terra**. A análise do pesquisador a respeito da formação das burguesias nacionais das ex-colônias africanas coincide com o ambiente de Luanda pós-independência na obra de Pepetela. Para o pesquisador,

A burguesia nacional, que toma o poder no fim do regime colonial, é uma burguesia subdesenvolvida. Seu poder econômico é quase nulo e de qualquer modo sem medida comum com o da burguesia metropolitana ao qual pretende substituir. Em seu narcisismo voluntarista, a burguesia nacional convence-se facilmente de que podia vantajosamente ocupar o lugar da burguesia metropolitana. No seio dessa burguesia nacional, não se encontram industriais nem grupos financeiros. É que, para ela, nacionalizar não significa pôr a totalidade da economia a serviço da nação. Para ela, nacionalizar não significa ordenar o Estado em função de relações sociais novas, cuja aparição venha ser estimulada. Nacionalização, para ela, significa exatamente transferir aos autóctones favores ilegais herdados do período colonial. (1968, p. 124-126)

Dessa maneira, diante de um “funcionário desdentado e com cara de muita fome” (p. 95) Vladimiro facilmente conseguiu o cartão de membro do MPLA com o nome de Vladimiro Caposso, empregado comercial. Deixou de usar o verdadeiro nome de José, o mesmo do seu pai; trocou a verdadeira cidade de nascimento, Calulo, por Catete, a cidade onde nascera Agostinho Neto. De maneira essencialmente irônica, o narrador nos diz que Caposso criou

uma assinatura revolucionária, capaz de fazer inveja àqueles heróis vindos da mata (...) VC, explicando para quem não sabia que não só era o seu nome mas como VC significava também a Vitória é Certa, principal palavra de ordem do MPLA, que inspirara o nome do jornal do Movimento e cujas iniciais, ditas em inglês, ViCi, eram o nome da principal base na Zâmbia, nos tempos da luta de libertação. (PEPETELA, 2008, p. 95).

Oficializava-se, assim, o surgimento do novo Vladimiro Caposso: era o último descendente de uma família que, por conta das perseguições do poder colonial, espalhou-se por todo o país; o avô e o pai foram perseguidos por serem enfermeiros, “classe revolucionária por excelência” (PEPETELA, 2008, p. 96). Para escaparem, viviam mudando de nome e de lugar, talvez o Caposso fosse “nome de clandestinidade” (PEPETELA, 2008, p. 96).

É notável que a ascensão na cadeia social é apresentada como um “processo evolutivo” que surge como consequência do abuso de poder por parte daqueles que, camuflados pela verve heroica atribuída aos marxistas, estavam acima de suspeitas; a progressiva ascensão de Caposso ocorre sempre em detrimento de outros e em benefício de si próprio. O personagem “sabia jogar com a psicologia do momento” (PEPETELA, 2008, p. 13), habilidade que lhe permitiu tornar-se progressivamente mais poderoso, visto que, segundo a teoria da seleção natural, os mais fortes são justamente aqueles que melhor se adaptam às condições e ao meio.

Imediatamente após a libertação, o MPLA buscou dar sequência ao processo de construção da identidade nacional, ou o que se pode chamar de angolanidade. A partir de tal perspectiva, a ideologia do homem novo, bastante difundida entre os países de orientação socialista, tornou-se fundamental aos enquadramentos culturais e sociopolíticos formulados para a população:

O discurso dos primeiros anos após a independência, em Angola, caminhava no sentido da criação de uma Cultura Nova, intentando alcançar a unidade nacional através da uniformização dos atos culturais. Este ideal ficou expresso na palavra de ordem: “Angola, de Cabinda ao Cunene, um só povo, uma só nação”. (...) Este homem angolano é, na verdade, um homem novo, adequado aos princípios adotados pelo Estado. Este homem novo deveria ser o fio condutor para o estabelecimento de uma nova sociedade, assentada em novos propósitos: não poderia ser um homem reacionário, entendido aqui como tendo enraizada as suas particularidades étnicas ou regionais; nem mesmo ser um assimilado, produto da política colonial. (ARAÚJO, 2005, p. 123)

O ideal de um homem novo para uma nação nova tornou-se, portanto, um dos pilares do período revolucionário, visto que traria os princípios básicos que norteariam a composição do sujeito pós-independência ideal. Com letra de Manuel Rui, o Hino Nacional de Angola, adotado em 1975, dá relevância a tal figura:

Angola Avante!

Oh, Pátria, nunca mais esqueceremos
Os heróis do quatro de Fevereiro.
Oh, Pátria, nós saudamos os teus filhos
Tombados pela nossa Independência.
Honramos o passado e a nossa História,
Construindo no trabalho o Homem Novo,
Angola, avante!
Revolução, pelo Poder Popular!
Pátria Unida, Liberdade,
Um só povo, uma só Nação!
Levantemos nossas vozes libertadas
Para glória dos povos africanos.
Marchemos, combatentes angolanos,

Solidários com os povos oprimidos.
Orgulhosos lutaremos pela paz
Com as forças progressistas do mundo. (RUI, 1975, s/p)

No discurso da Proclamação de Independência, feito por Agostinho Neto em 11 de novembro de 1975, também é possível encontrar o homem novo, símbolo da renovação de Angola e do enfrentamento das limitações coloniais:

Derrotado o colonialismo, reconhecido o nosso direito à independência que se materializa neste momento histórico, está realizado o programa mínimo do MPLA. Assim nasce a jovem República Popular de Angola, expressão da vontade popular e fruto do sacrifício grandioso dos combatentes da libertação nacional. Porém, a nossa luta não termina aqui. O objetivo é a independência completa do nosso País, a construção de uma sociedade justa e de um Homem Novo (NETO, 1975, s/p).

A ideia de comunidade cultural, já então implantada nas bases político-ideológicas do MPLA e muito presente durante a luta de libertação, estará profundamente articulada à ascensão do partido ao governo, resultando na elaboração de um ideal de homem para a nova nação. Ganha força, dessa maneira, a premissa de que, independentemente das origens étnicas, regionais e/ou raciais, todos os angolanos fazem parte de uma única e indivisível comunidade cultural que deveria opor-se ao seu opressor, qual seja os portugueses:

Os intelectuais à frente do MPLA perceberam que a consciência nacional devia ser forjada na luta, pois uma vez alcançada a independência e rompidos os laços com o colonialismo, o novo Estado que iria se constituir sobre novas bases, teria como fonte de legitimação as diversas comunidades humanas que viviam em território, e estas deveriam reconhecer-se não somente como nação territorial, mas também identificar-se como comunidade política participante de um projeto de nação, aqui entendida como um tipo muito nítido de sentimento e sensibilidade de lealdade e identificação. (ARAÚJO, 2005, p. 69).

Para além do projeto unificador, nota-se em tal postura uma perigosa tendência à homogeneização dos sujeitos angolanos, a despeito da considerável diversidade étnica, regional e racial presente do país. O preceito central de tais deambulações seria, portanto, a formulação de uma identidade que pudesse despertar a consciência nacional, como via de fortalecimento da verve revolucionária que se buscava contrapor aos processos assimilatórios que persistiram (e ainda persistem, sob diversas facetas) durante séculos de dominação portuguesa. Com a permanência fortalecida de Agostinho Neto como presidente, a defesa de um ideal de homem novo, que simultaneamente seria um intelectual e um combatente, é

considerada elemento essencial para a posterior estabilização dos quadros de governo.

Embora a proposta de homem novo buscasse o fortalecimento da angolanidade, torna-se, dessa forma, uma das principais brechas para que tipos como Vladimiro Caposso desenvolvesse a aparência de homem novo, de acordo com os claros modelos estabelecidos pelo MPLA. A dissociação entre teoria e prática, conforme indica o andamento do enredo, será a base para que o socialismo dê lugar para o avanço neoliberal e, conseqüentemente, para a subversão do modelo socialista como plano de governo e como formulador do sujeito angolano.

Sabe-se que a colonização perpetuou-se essencialmente por meio do acultramento, baseado em movimentos de hegemonia e de homogeneização. Vladimiro Caposso passa por um rito de transição às avessas: enquanto a tradição sociocultural angolana defende a evolução do homem por meio da confirmação de sua ligação com a família, o local de origem e a coletividade, o homem que abraça a ascensão capitalista frequentemente renega os seus laços. O novo homem utiliza-se da máscara de homem novo e impulsiona sua caminhada rumo ao topo da pirâmide social.

Ciente de que seria preciso integrar-se aos privilegiados, o protagonista de **Predadores** busca meios para dar continuidade a sua ascensão. Quando o MPLA se torna de fato um partido político, passa a fazer parte da Jota, como era designada a ala jovem do MPLA, sendo responsável pela parte esportiva. Aproveitava-se do sistema a seu favor, trabalhando para particulares em seu horário de trabalho regular e arredondando seu próprio salário.

Ainda em processo de elaboração de sua versão burguesa, casa-se com Bebiana, mulher com quem terá quatro filhos, num relacionamento guiado pelas circunstâncias, e não pelo amor. Apesar da imagem familiar perfeita às aparências, mantém com os filhos Djamila, Ivan e Yuri um relacionamento distante, nutrindo verdadeiro afeto apenas pela filha mais nova, Mireille.

Como membro do Comitê Central da Jota, participou de um congresso do MPLA contra um membro honesto do partido, para impedi-lo de continuar fazendo parte do grupo. Nesse ponto, evidencia-se o boicote aos reais militantes que começavam a incomodar certa facção partidária. Era alguém que começava a incomodar seus superiores por perceber atitudes de corrupção, ou seja, alguém que tentava resgatar os ideais do antigo MPLA:

– Lá em cima precisam se livrar desse antigo camarada, hoje um traidor, nossa vergonha nacional. Um traidor entre vários outros, mas certamente o mais perigoso. Infelizmente ainda não se reuniram as provas suficientes para haver um processo criminal. O primeiro passo é retirá-lo do comitê central. Depois, com ele enfraquecido por já não pertencer à direção, é muito mais fácil fazer investigações profundas e descobrir todas as provas necessárias. Temos de reforçar a disciplina interna, limpar o partido das ervas daninhas, há um grupo de traidores que põem em perigo a própria

sobrevivência do partido e mesmo a unidade da nação. Compreende a urgência? (PEPETELA, 2008, p. 326-327)

Uma vez que o político que age eticamente é considerado como um traidor, não da pátria, mas dos esquemas ilícitos que marcam as ações governamentais, notamos mais uma vez a explícita crítica ao MPLA, partido do qual o próprio Pepetela fez parte, até a década de 80. Retirar a força política daquele que age com ética significa justamente anular sua capacidade interventiva, prática naturalizada por aqueles que se beneficiavam por meio da corrupção.

Caposso, apesar de participar da conspiração, não tem seu nome indicado para a Central do Comitê do partido. Sua primeira derrota já nos indica que são muitos os predadores a darem o bote a qualquer momento. Embora poderoso, Caposso não era intocável e deveria utilizar-se de diferentes subterfúgios para sobreviver.

Conhece, em seguida, o empresário paquistanês Karim, disposto a lhe fornecer mercadorias para um minimercado, e o lobista norteamericano Omar, que se torna sócio em outro empreendimento, a construtora Caposso Trade Company. Ainda não satisfeito, animado por um general da ativa, ingressa no comércio clandestino de armas que alimentaria a guerra civil dos países vizinhos e que seriam pagas com diamantes.

Seria, portanto, do núcleo da juventude do partido que parte da elite governante eclodiria nas primeiras décadas de independência. No romance de Pepetela, a caracterização da personagem em foco denuncia não apenas as situações de oportunismo no ambiente orquestrado para a criação do novo homem, como a implosão operada por esses indivíduos à própria ideia de nação assumida pelo Movimento e difundida às populações. No entanto, ideologicamente,

o MPLA dialoga com a população tendo como via de expressão a ideia nacional, mas não uma ideia baseada a partir do reconhecimento e de análise da diversidade cultural existente, mas sim propondo um novo ideal em que a diversidade se enquadrasse, utilizando-se de um artefato acima de tudo político, e não necessariamente cultural, o homem novo (ARAÚJO, 2005, p. 77 - Grifo da autora).

A obra segue apresentando a opressão imposta pelo protagonista a grupos marginalizados quando Caposso registra em seu nome a Fazenda Karan, grande faixa de terra nas proximidades de Huíla. Outrora, a água do rio Culala corria livremente pelos terrenos e caminhos da região. Com chegada triunfal de Caposso, que logo se apossou da água, como proprietário da natureza, os pastores da região foram duramente prejudicados.

Caposso ordenou, despoticamente, a construção de uma represa que prejudicou o resto da população da área circundante, usurpando a água das plantações, para o gado e, conseqüentemente, para a subsistência da população. As terras adquiridas, para Caposso, representavam o sucesso de sua biografia burguesa.

Contrariamente aos pastores, Caposso via na Fazenda Karan apenas uma forma de ostentar sua riqueza, não uma forma de sobrevivência:

Estes bois estão aqui para que o seu proprietário uma vez por mês venha lavar os olhos, contemplar o espetáculo, mostrar aos amigos, vêem estas terras a perder de vista, veem estas manadas que nunca mais acabam, isto tudo é meu. Nem vende a carne, nem se digna a recolher o leite, apenas uns litros de vez em quando. Fica um fim-de-semana, feliz com sua riqueza e capacidade de a ostentar, pega no avião e nos amigos, volta com eles para Luanda. (PEPETELA, 2008, p. 123)

É nessa etapa da vida de Caposso que novamente entra em cena Sebastião Lopes. Agora advogado da ONG DECTRA (Defesa dos Criadores Tradicionais), alia-se ao amigo Bernardino Chipengula, ativista local, e sai em defesa dos pastores das propriedades vizinhas à de Caposso, que passaram a ter suas passagens impedidas pela região após a instalação de uma enorme cerca:

Chipengula e ele tornaram-se amigos na cadeia. Em 1976, quando se encontraram na prisão de São Paulo, acusados do mesmo crime, pertencerem a um comitê clandestino que considerava o governo demasiado de direita, desinteressado de fazer uma verdadeira revolução socialista. (...) Foram soltos ao mesmo tempo e Chipengula voltou à sua Huíla natal. Trabalhou, estudou, acabando por se formar em História. (PEPETELA, 2008, p. 130-131)

Sebastião Lopes está fora dos centros de poder político e econômico e defende os criadores tradicionais de gado numa ação contra o empresário e fazendeiro Vladimiro, que adquiriu terras na Huíla de maneira escusa, visto que era parte dos núcleos que faziam girar a roda do poder. Simboliza, assim, o herói que não se deixou corromper pelo sistema e cujo abandono do partido como militante possibilitou conscientizar-se de que o homem novo foi um projeto frustrado, visto que o novo homem tornou-se o modelo de sucesso nos novos tempos, como predador da própria nação:

O meu trabalho é pacífico, só quero o bem destas pessoas. Acredito no gênero humano. Não são maus por natureza. O sistema é que os estraga (...). O homem é o lobo do homem, dizia o Hobbes; uma terra maravilhosa. Mas destinada à miséria. (PEPETELA, 2008, p. 136)

Sebastião Lopes representa um antigo crente e membro do MPLA, decepcionado com o rumo que o país tomou após a revolução. O narrador indica-nos que, desiludido com o rumo que o MPLA tomou, Sebastião Lopes optara por abandonar o partido:

Sebastião (...) foi tentando inscrever-se em Direito. As primeiras tentativas foram infrutíferas, porque, embora as matrículas na universidade fossem na época livres e com pouca clientela, havia restrições para o novo curso de Direito, onde se forjaria a futura classe política, a qual deve ser coesa e de total confiança do governo. E ele tinha estado detido por inconfessáveis razões políticas. Foi preso por estar a distribuir panfletos subversivos aos soldados, panfletos que demonstravam a pouca consistência das promessas socialistas do MPLA e a necessidade de se formarem comitês clandestinos de militares para fazerem uma verdadeira Revolução. (...) À terceira tentativa, conseguiu entrar no curso de Direito com ajuda do pai, outrora olheiro dos portugueses, hoje já oficial superior da polícia. (PEPETELA, 2008, p. 128)

Na encenação dessa disputa entre Caposso e os criadores de gado, são importantes os levantamentos feitos acerca do abandono dos dirigentes quanto às questões territoriais, fator de intensas tensões e disputas antes mesmo do período colonial, visto que envolve práticas tradicionais de subsistência e de organização sociocultural. Segundo Bernardino Chipengula:

E o MPLA veio e disse, cortem o arame, a terra é do povo. Gostei. Vinte e tal anos depois começam a vir os mesmos para fechar os pastos e os caminhos com arame farpado. Acreditávamos então em princípios... Bons e inocentes tempos... (PEPETELA, 2008, p. 131)

De acordo com a fala do personagem, houve um tempo em que se acreditou no povo como representante máximo da nação, esperança que não viria a se concretizar. Num primeiro momento, o MPLA sinalizou que distribuiria as terras ao povo, em seguida, cercou as mesmas terras em defesa do direito à propriedade privada, obedecendo aos interesses empresariais:

- Estas são terras de direito costumeiro, de séculos e séculos, escaparam das rapinas coloniais. Ok, eu sei, não podemos impedir que empresários se estabeleçam, as terras dão para muita coisa. (...) Mas não podem barrar os caminhos naturais da transumância. O Culala tem de voltar a correr para alimentar esta gente toda que se fixou ao longo dele e precisa da água não só para e beber e para o gado, mas também para irrigar as nakas de milho ou massango e os legumes. (PEPETELA, 2008, p. 139)

O trecho evidencia os efeitos do avanço capitalista não apenas nas zonas urbanas, mas também no interior, visto que nem mesmo durante o período colonial houve ação exploratória tão invasiva na região. O ativista explicita as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores rurais diante da limitação do acesso às águas:

– Bois burgueses...

Chipengula riu uma gargalhada gostosa.

Os bois já estavam magros e ainda não tinha começado a estação seca. Os raros que tinham visto desde que abandonaram a estrada eram muito diferentes dos gordos e luzidios da fazenda. Estes eram de fato bois proletários, pensou Sebastião, para usar a linguagem de tempos passados. (PEPETELA, 2008, p. 138).

Os proletários, com seus bois magros, não tinham as mesmas condições de sobrevivência de Caposso, embora esse não tratasse a fazenda como um meio de subsistência, mas sim de pura ostentação. Mais uma vez a cadeia predatória é representada, visto que se trata dos recursos disponíveis para a sobrevivência, precários para uma grande maioria e fartos para os poucos privilegiados. Ainda que com origens e com trajetórias próprias, Sebastião e Bernardino compartilham tanto o desencanto político quanto algum ânimo utópico, visto que se unem contra a ação de um predador maior que teria, inicialmente, todas as condições para vencê-los.

Apesar de parecer que não haveria chance na ação movida pelos criadores, Caposso é pressionado pela justiça, e se vê obrigado a recuar diante da ação incisiva e justa de Sebastião Lopes, em articulação com os trabalhadores prejudicados. Surpreendentemente são auxiliados por Ivan, filho de Caposso, que acaba por reconhecer a injustiça feita pelo pai e abraça a causa da ONG, salvando Bernardino de uma emboscada. Nesse ponto, é importante destacarmos a virada do personagem, o assassino de Simão que, ao contrário do pai, assume uma postura ética e comprova que é possível subverter o determinismo da ação predatória por meio da humanização.

A derrocada de Caposso começa a ser assinalada a partir do desgaste de sua ação predatória, seja devido ao avanço de outros predadores maiores, seja devido ao acúmulo de falcatruas já não toleradas. A recusa por parte dos bancos em não conceder empréstimos a Caposso, decorrente dos gastos supérfluos e das dívidas crescentes marca o eclodir da esperança em outros tempos:

VC apresentou o projeto a todos os bancos e nenhum aceitou emprestar dinheiro. E ainda tinham o descaramento de dizer que os bancos estavam aí para ajudar o desenvolvimento do país (...). É verdade que tinha gasto uma parte nos excessos suntuosos que cometia fora de Angola, sobretudo as fortunas que tinha perdido em noites de loucura nos cassinos ou nos cabarés mais afamados ou até o despautério aparatoso do casamento. Aparentemente esse senhor perdeu posições e prestígio, têm aparecido algumas pessoas a se queixarem de grossas falcatruas. (PEPETELA, 2008, p 321)

Quando recorreu antigos amigos políticos, descobriu que para eles não era mais vantajoso aliar-se a grandes devedores envolvidos em falcatruas cada vez mais descaradas:

Os governantes agora evitavam favorecer Caposso. E mais adiante: O próprio ministro das Finanças, o qual tinha estado na inauguração da fazenda, seu amigo de muitos anos, companheiro de mulheres e de copos, ele próprio disse com um ar condoído, não posso fazer nada ficaria muito mal se pressionasse algum banco para te fazerem um empréstimo, os tempos são outros, bem sabes, todos reclamam transparência nos negócios e bom governo, é a nova moda. Era política do governo agora não interferir no circuito bancário, ir separando as águas. (PEPETELA, 2008 p. 324)

Nas últimas cenas de Caposso, o narrador situa-o na Fazenda Karan, juntamente aos familiares. O espaço será simultaneamente uma espécie de castigo e alento para as decepções sofridas, visto que só resta amargar a grande faixa de terra perdida após as negociações, bem como suas outras propriedades em locais “prestigiados”, vendidas para pagamentos de dívidas. Segundo ele,

Os novos donos do país têm necessidade absoluta de meter alguma ordem no circo, de parecer defender a legalidade, para poderem continuar a comer do melhor que os pais acumularam ilicitamente. Assim engorda um tubarão... Essa é a lei da vida. (PEPETELA, 2008, p. 376).

Devido ao desgaste após tantos abusos grosseiros de poder, ao acúmulo de dívidas e à pressão de predadores maiores, os estrangeiros e até então parceiros Karim e Omar, Caposso finalmente é abatido pela própria lei selvagem que o levou ao topo. “O problema de Caposso é que havia tubarões mais gordos ou mais fortes” (PEPETELA, 2008, p. 321): seus próprios sócios tomam-lhe a maior parte das ações da Caposso Trade Company. Conclui, assim, que “os estrangeiros sempre vieram para nos lixar, para lixar o negro. Sempre, sempre...” (Idem, p. 73), cnicamente desconsiderando sua própria postura exploratória.

Por meio de tal pensamento, fica evidente a crítica à ação predatória entre angolanos. Com isso, repensar a utopia revolucionária defendida pelo MPLA, ainda na atualidade, é fundamental para compreendermos as dificuldades políticas e econômicas do país. O MPLA, entendido aqui pela representação de sua alta cúpula, aparece distanciado de suas bases populares e dos problemas que afligem uma parcela expressiva da população angolana. Presenciamos em Angola um perigoso desequilíbrio entre a política, utilizada para o favorecimento pessoal, e a ética.

A Pepetela interessa mostrar uma Angola desencantada aos olhos de quem lutou pela revolução, extorquida por quem a devia incentivar e desinteressante para a nova geração. Segundo Frade:

A passagem do socialismo ao capitalismo foi utilizada e instrumentalizada pelos atores políticos. Outrora marxistas convictos, foram-se apercebendo das novas oportunidades proporcionadas pelo novo arquétipo. Se já a anterior conjuntura tinha proporcionado a acumulação de riqueza e de prestígio e

possibilitado a colocação das premissas para o enriquecimento da classe política detentora do poder e da sua clientela, agora o novo contexto político era mais propício ao excesso. (...) Nem o socialismo esquemático nem a conversão ao capitalismo selvagem vieram, afinal, resolver os problemas. Os efeitos da globalização econômica, a atuação predatória de grandes multinacionais, as exigências do FMI e os projetos de cooperação são uma espécie de neocolonialismo, que transformou as dúvidas em dívidas. (2007, p. 66)

A obra, portanto, aponta para a necessidade de um repensar político que integre as reflexões concernentes à coletividade angolana no contexto pós-colonial: não há uma modelo que permita a construção de um sujeito ideal para a coletividade que se pretende desenvolver, mas sim possibilidades de interpretação e de reformulação diante do panorama delineado. Nesse sentido, a transposição estudada nesse capítulo assume contornos essencialmente políticos.

A crítica ao desinteresse que Vladimiro apresenta por tal assunto – assim como à desconsideração do bem estar social apresentada pelos representantes governamentais – corrobora a importância do olhar crítico e consciente aos processos políticos que envolveram Angola e outras nações egressas de sistemas coloniais. A leitura do romance, assim, instiga o leitor a refletir sobre os tensionamentos que envolvem história, literatura e política e, conseqüentemente, sobre o papel do indivíduo contemporâneo quanto à ruptura com assimetrias que ganham novas roupagens e permanecem garantindo diferentes configurações de iniquidade social.

Considerações finais

Inocência Mata considera **Predadores**, ao lado de **O Terrorista de Berkeley** e **O Quase fim do mundo**, como “uma outra vertente estética da produção de Pepetela: o romance político.” (MATA, 2010, p. 51). Como explica a pesquisadora, tais romances conferem à ficção histórica um carácter político pela motivação, provocação até, ética que suscita a intencionalidade textual – ou, pelo menos, a sua presunção” (Idem, 172).

Assim, ao considerarmos a escrita como ato político, o comprometimento do escritor, o lugar do intelectual e seu olhar sobre as dinâmicas culturais, levaremos em conta a interseção entre literatura e nação, tema que, na literatura angolana, é discutido na base de um projeto comum, tanto no plano ideológico quanto na atuação política.

Embora o tom do romance seja predominantemente crítico, a queda de Caposso, representante de uma “elite emergente e fanfarrona” (PEPETELA, 2008, p. 294) ocorre quando Sebastião Lopes retorna à sua vida para defender os criadores de gado da Huíla. Nesse ponto da obra, o outrora revolucionário não tem mais a inocência utópica da juventude, mas ainda é capaz de acreditar na construção de

uma sociedade melhor e tem sucesso em sua ação contra Vladimiro de forma totalmente lícita.

Verificamos, assim, não mais a “escrita da utopia”, mas sim uma “utopia da escrita” (MATA, 2010, 324), já que:

neste estágio, da utopia da escrita, intenta-se exorcizar o caos em que se transformou o evento que se anunciara um advento de felicidade. (...) A utopia da escrita, metamorfose da escrita da utopia, cumpre a função de revitalizar a demanda dessas disposições da vida – libertação/liberdade, amor, encontro, felicidade, igualdade –, quando elas parecem esmorecer: afinal – ainda Manuel Alegre –, a escrita de Pepetela rima sempre com a vida. (Idem).

A utopia surge, em **Predadores**, como resistência, redenção, escape e crítica mordaz do real. A representação de um projeto utópico é, sobretudo, efabulatório, e constitui um pilar importante para a sobrevivência do homem novo; por conseguinte, a utopia e a distopia são faces da mesma moeda e dessa forma apresentam-se, no romance, por meio de personagens de condutas e valores opostos.

Em um contexto contemporâneo de produção e de recepção, entendemos como preponderante a análise do modo como os escritores angolanos se posicionaram no pós-independência diante da construção de uma sociedade em que a colonização foi tão marcante e que, agora, se depara com um processo de mundialização da economia capitalista e da política neoliberal. Apesar das críticas ao socialismo implementado em Angola, nota-se, também, que muitas eram as condicionantes que indicavam tal via como a única saída possível, destacando-se a verve revolucionária e o auge da percepção da União Soviética, da China e especialmente de Cuba como modelo a ser seguido.

A literatura, como espaço de questionamento, torna-se um campo privilegiado para a construção de novas possibilidades interpretativas. Também é *locus* privilegiado para se compreender os intercâmbios e repercussões que ocorrem a partir dos processos históricos e políticos de Angola.

Indagamos, assim, tanto sobre o lugar do intelectual quanto o do leitor, a partir da trama romanesca de **Predadores** e, principalmente, para além dela. Podemos afirmar que tanto a desconstrução do homem novo quanto a do novo homem realizam-se por meio da tese de que o olhar para os sujeitos angolanos deve partir da conscientização política, o que fica claro com a tentativa de despertar, por meio da literatura, o senso crítico diante dos comportamentos predatórios pós-coloniais, bem como de todos os fatores que contribuíram para a formação da pirâmide neocolonial. Tal convite, entretanto, é notavelmente dialógico e não hierárquico, visto que o próprio autor também se coloca em posição de questionamento, investigação e autocrítica. Com o desfecho da obra, vislumbramos a humanização como principal caminho para repensar a sociedade angolana e a naturalização das relações predatórias, sarcasticamente denunciadas.

Após a análise de **Predadores**, fica patente que ainda há o desejo, expresso pela literatura, de se construir uma Angola para o povo angolano. Nesse sentido, segundo Inocência Mata, a obra de Pepetela traz um

entrelaçamento de sistemas de valores e de saberes que, quando exponenciado, permite uma passagem do estético ao ético. Por isso, uma reavaliação das premissas desse sistema literário pode revelar as novas linhas de pensamento intelectual angolano, em termos de várias perspectivas sobre o país e identidades sociais e coletivas, tais como se apresentam na prática literária narrativa. (MATA, 2010, p. 35).

Predadores, por fim, não se dedica à construção de um outro modelo de sujeito, mas sim nos indica a importância da atualização crítica e infundável de fatos e de feições como principal via para a projeção de comunidades formadas por sujeitos que de fato ressignifiquem a utopia e, conseqüentemente, a luta por transformações.

Referências

ARAÚJO, Kelly Cristina Oliveira. **“Um só povo, uma só nação”**: o discurso do Estado para a construção do homem novo em Angola (1975-1979). Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas de São Paulo. São Paulo: 2005.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FRADE, Ana Maria Duarte. **A Corrupção no Estado Pós-Colonial em África: duas visões literárias**. Porto: Edições Eletrónicas CEAUP - Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto, 2007. Disponível em: https://www.africanos.eu/images/publicacoes/livros_electronicos/EB002.pdf (Último acesso - 23 de fevereiro de 2020)

MATA, Inocência. **Ficção e História na literatura angolana: o caso de Pepetela**. Edições Colibri: Lisboa, 2010.

NETO, Agostinho. **Discurso da Proclamação da Independência de Angola**. 1975. Disponível em: <https://www.governo.gov.ao/> (Último acesso - 23 de fevereiro de 2020)

PEPETELA. **Predadores**. Rio de Janeiro: Língua Geral. 2008.

RUI, Manuel. **Angola, avante**. 1975. Disponível em: <https://www.governo.gov.ao/> (Último acesso - 23 de fevereiro de 2020)

Para citar este artigo

DIAS, M. S. Vladimiro Caposso e a subversão do homem novo angolano em “Predadores”, de Pepetela. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 253-273.

A Autora

Mariana Sousa Dias é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói - RJ. Professora EBTB do Colégio Pedro II, Campus Engenho Novo II, Departamento de Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.